

Capítulo V

Segurança Pública

Por ser uma cidade pequena, habitada por homens probos e mulheres honestas e onde todos os habitantes se conheciam, Monsenhor Tabosa, naquela época, raríssimas vezes se tornou palco de ocorrências de natureza policial. A Delegacia de Polícia era, ao mesmo tempo, Sede do Destacamento, Gabinete do Delegado, carceragem e dormitório dos soldados. Em 1955, João Soldado, ali destacado, residia, literalmente, na Delegacia com sua esposa Rosa, um gato selvagem e, ironicamente, alguns pintos. Pasmem!

O Delegado, indicado por um político local, tinha pouco o que fazer. Um desses delegados, recém nomeado, não sei se por falta de serviço, ou para fazer valer o adágio que diz: “A justiça para ser boa, tem que começar de casa”, mandou recolher o próprio irmão que estava embriagado na rua, embora não estivesse promovendo qualquer tipo de desordem ou pondo em risco a segurança própria ou de outrem, até porque não era este o seu perfil. Este foi o seu 1º ato como delegado.

Esse mesmo delegado tentou insistente e inutilmente prender um rapaz da cidade que engravidara uma moça e não queria assumir a paternidade. Esse caso, de rara ocorrência naquela época, foi assunto do “Testamento do Judas”, talvez até, redigido pelo próprio rapaz, autor da façanha.

Conta-se também que um outro delegado intimou à delegacia, um cidadão acusado de embriagado, fazer “xixi” no meio da rua, cometendo assim, o que a Lei chama de “crime de mera conduta”. Ao ser advertido pela autoridade, sobre a gravidade de seu ato e das conseqüências que poderiam advir, teria respondido: “Delegado, prometo ao senhor que nunca mais vou mijar.” “O senhor pode mijar, eu só peço que não o faça mais no meio da rua”. Respondeu o delegado.

Embora os delegados fossem nomeados por Portarias do Governador do Estado, não tinham salário e quando tinha um graduado, destacado, da cidade, este passava a assumir o comando da Segurança Pública no município, como foi o caso dos sargentos João Raimundo, Walquírio, Luís Américo e Cleres, na minha época.

Vários militares destacados em Monsenhor Tabosa, casaram-se com moças da cidade, podendo aqui serem citados os seguintes: Sargento Cavalcante: Casou com a Maria, filha do senhor Vicente André; Sargento Ezequiel: Casou com a Maria José, também filha do senhor Vicente André; Cabo Pedro: Casou com a filha do senhor Camundo; Cabo Araújo: Casou com a Socorro, filha do senhor Domingos Nascimento; Soldado José Maria: Casou com a Terezinha, filha do senhor Antônio Mariano; Soldado Vieira: Casou com a Francisquinha, filha do senhor Pedro Paé; Soldado Irapuã: Casou com a Nívia, filha do senhor José Nascimento; Soldado Almino: Casou com a Neusita, filha do senhor Chavinho Gabriel; Cabo Oliveira: Casou com Irian, também filha do senhor Chavinho Gabriel; Sargento João Pereira: Casou com Toinha, filha do senhor Pedro Paé; Cabo Gomes: Casou com a Socorro, do senhor Abraão Torres.

Em 1964 havia no Destacamento Policial de Monsenhor Tabosa, um cabo e um soldado com o mesmo nome de guerra, Viana, sob o comando do 1º Sargento Walquírio Pedrosa de Aguiar Delegado Especial de Polícia. O Sargento residia em frente à delegacia, o soldado nesta e o cabo em uma casa contígua.

Certa noite o Cabo Viana após tomar umas e outras, para surpresa de todos, pois não tinha o hábito de beber, ficou nervoso e após danificar o portão de sua casa, saiu para o meio da rua empunhando uma enorme peixeira. O Soldado Viana tentou acalmá-lo meio tímido, não se sabe se pelo tamanho da peixeira ou se por tratar-se de um superior hierárquico.

Sargento Walquírio que da janela de sua casa a tudo assistia, ordenava em alta voz: “Pega o homem Viana”! Viana arregaçava a manga do uniforme, dava uma cuspidada de gofada de fumo para o lado e ponderava: “Seu sargento, seu sargento...” como se quisesse dizer que não dava conta de dominar o superior enfurecido.

O Sargento apesar da idade e de uma deficiência em um membro inferior, resolveu agir ele próprio e num gesto de extrema coragem, agarrou o cabo por cima de ambos os braços com faca e tudo, desarmando-o e colocando-o no xadrez até passar o efeito da bebida. O Soldado Viana era um militar atípico, naquela época já contava com mais de dez anos de serviço sem qualquer perspectiva de promoção. Certo dia recebeu determinação do delegado para prender e conduzir a delegacia, um indivíduo acusado de promover desordens em via pública. Ao conduzir o elemento rumo à delegacia, este em dado momento dirigiu-se ao policial e disse: “Você sabe que não vou mais?” “Se eu fosse você também não iria, respondeu Viana”.